



## Entre e para além da literatura: um estudo da noção 'escrevivência', de Conceição Evaristo

### Between and beyond literature: a study of the notion 'escrevivência' by Conceição Evaristo

Marcelo de Jesus de Oliveira<sup>1</sup>

Juliano Casimiro de Camargo Sampaio<sup>2</sup>

Olívia Aparecida Silva<sup>3</sup>

**Resumo:** O texto intitulado *Entre e para além da literatura: um estudo da noção 'escrevivência', de Conceição Evaristo* assume caráter interdisciplinar ao mediar discussões entre e para além da literatura com objetivo de responder didaticamente à seguinte questão: como se segmenta e pode ser compreendida a noção de *escrevivência* a partir da compreensão da própria precursora? No que tange à metodologia adotada para o desenvolvimento desse trabalho utilizou-se procedimentos bibliográficos com abordagem qualitativa e documental, para tanto, elegeu-se como *corpora textuais* entrevistas concedidas por Conceição Evaristo, publicadas entre os anos de 2015 a 2019. Diante disso, observou-se que a compreensão de *escrevivência* extrapola a unilateralidade de sentidos esperados, sendo, portanto, tomada como uma noção de vastos significados e interpretações, o que nos possibilita asseverar que a respectiva expressão está em constante processo de construção, alargando-se para outras áreas do conhecimento e, conseqüentemente, promovendo novas discussões.

**Palavras-chave:** Afro-grafias. Memórias. História. Vivências.

**Abstract:** The text entitled *Between and beyond literature: a study of the notion of 'escrevivência' by Conceição Evaristo* takes on an interdisciplinary character by mediating discussions between and beyond literature in order to didactically answer the following question: how does one segment and can be understood the notion of *escrevivência* from the understanding of the precursor herself? Regarding the methodology adopted for the

<sup>1</sup> Mestre em Letras, pela Universidade Federal do Tocantins - UFT; Especialista em Literatura Contemporânea, pela Faculdade Mantense dos Vales Gerais - INTERVALE; Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, Literatura e Arte, pela Faculdade Venda Nova do Imigrante - FAVENI; Graduado em Licenciatura em Letras Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa, pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão - UEMASUL.

<sup>2</sup> Pós-doutor em Educação (UNICAMP), Pós-Doutor (INTENCIONALIDADE E AFETIVIDADE), Doutor (AS ARTES CÊNICAS E O CONSTRUTIVISMO SEMIÓTICO-CULTURAL EM PSICOLOGIA) e Mestre em Psicologia, pelo Instituto de Psicologia da USP; Bacharel em Artes Cênicas, pela UNICAMP; Licenciado em Teatro (Mozarteum); é professor adjunto em regime de dedicação exclusiva do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins (UFT) e professor permanente do Mestrado em Letras (Porto Nacional) da mesma universidade. Coordenador do CONAC.

<sup>3</sup> Possui graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1992), mestrado em Letras pela Universidade Federal do Ceará (1997) e doutorado em Literatura pela Universidade de Brasília (2005). Atualmente é professora do Programa de Pós Graduação em Letras /CPN -Universidade Federal do Tocantins. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura brasileira, narrativa contemporânea, memória, autobiografia.



development of this work we used bibliographic procedures with a qualitative and documentary approach, for this, we elected as corpora textual interviews granted by Conceição Evaristo, published between the years 2015 and 2019. Given this, it was observed that the understanding of writing goes beyond the unilaterality of expected meanings, being, therefore, taken as a notion of broad meanings and interpretations, which allows us to assert that the respective expression is in a constant process of construction, extending to other areas of knowledge and, consequently, promoting new discussions.

**Keywords:** Afro-graphs. Memories. History. Experiences.

A nossa escrevivência não pode ser lida como história para “ninar os da casa grande” e sim para incomodá-los em seus sons injustos (EVARISTO, 1994-1995).

Em 1995, a expressão *escrevivência* foi utilizada pela primeira vez por uma escritora negra, proveniente de família de mulheres de classe média baixa e afrodescendentes que, não diferente da maior parte delas, são marcadas profundamente pelo açoite histórico brasileiro, pelo ringir de dentes e gritos que ecoam dos porões do navio negreiro, bem como pelos chicotes que assinaram forçada e agressivamente seus corpos (EVARISTO, 2017c), assombros provindos das memórias traumáticas da escravidão.

Acompanhada das sentenças “história de ninar”, “incomodar”, “casa grande” e “sons injustos” a expressão *escrevivência* despertou certa inquietação social, ganhando espaço na mídia e tornando-se objeto de pesquisa de estudiosos de diferentes áreas do conhecimento. Desde então, pode-se notar que muitos materiais passaram a ser produzidos a partir da recém surgida expressão *escrevivência*, não somente associada aos textos da Conceição Evaristo, mas ainda de outras e outros escritoras e escritores, conforme poderá ser observado na seção *Rastros da escrevivência – Um estudo cronológico*, a ser apresentada. Ainda neste espaço, é perceptível que há uma quantidade significativa de literatura disponibilizada em periódicos científicos e em outras publicações, em relação ao que nos dedicamos a estudar aqui, que parte do princípio da noção de *escrevivência* como base para análise do texto literário, enquanto o conceito, propriamente dito, ainda se é pouco explorado e, portanto, compreendido.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

Por ser assim, elencamos como principal objetivo dessa seção analisar as conceitualizações de escrevivência propiciadas por quem o assina primordialmente – Conceição Evaristo. Para o que nos propomos, realizaremos buscas em entrevistas concedidas pela autora e publicadas em plataformas digitais – priorizando o youtube. No entanto, foram consultadas também entrevistas e depoimentos produzidos pela literata divulgados em seu blogger particular, revistas e outros sites especializados em assuntos literários.

Por conseguinte, iniciou-se a etapa de transcrição e organização das entrevistas compiladas em áudio-vídeo e compôs-se um mapa tátil que facilitou o processo de análise e discussão dos dados, bem como a estruturação das entrevistas em ordem cronológica levando em consideração a data/ano de publicação, as quais se iniciam timidamente em 2015 e desenvolvem-se em 2017, 2018 e 2019. Assim, foi-se possível identificar as alterações ocorridas durante o processo de fomentação do conceito, principalmente no que tange ao que permaneceu e ao que se modificou com o avanço dos estudos de compreensão do vocábulo em questão, recorrendo às palavras da autora; termos e percepções que foram utilizadas inicialmente e passaram a não mais serem reproduzidas nas conceitualizações posteriores, bem como a consciência de como a referida noção se encontra hoje e suas possíveis transições.

Nessa esteira, consideramos pertinente ressaltar que as análises foram realizadas exclusivamente pelo que foi dito ou escrito por Conceição Evaristo em relação ao conceito que tematiza este trabalho, sendo, por esta razão, a ausência de referências e/ou citações externas no interior dessa seção. No entanto, dentro das possibilidades que nos foram apresentadas, outros trabalhos desenvolvidos a partir das noções identificadas por intermédio das discussões proposta neste documento foram sinalizados em nota de rodapé, para que possam ser contatados em sua integralidade. Ao optarmos por laborar apenas com materiais produzidos pela própria autora não temos por propósito excluir outros já realizados e que não tenham a escrevente como assinante da pesquisa, mas, sim, buscamos angariar uma maior compreensão do que de fato se trata o termo e, ainda, como se segmenta e evolui a partir da



ótica de quem intencionalmente subsidiou o surgimento, posto que na seção seguinte a referida noção será discutida sob a perspectiva de outros teóricos e em ambientes curriculares diversos.

## 1 Rastros da *escrevivência* – um estudo cronológico

O uso inaugural da expressão *escrevivência*, por Conceição Evaristo, de acordo com o que se é observado a partir das análises de suas próprias declarações nas entrevistas compiladas para o desenvolvimento dessa pesquisa, é ambientado em um contexto impreciso no que diz respeito a sua apresentação enquanto um conceito, tal qual vem sido interpretado por parte da crítica acadêmica que tem seus textos como objeto de estudo, bem como pela própria autora – por influências de pesquisadores, como poder-se-á observar em discussões posteriores.

A noção de *escrevivência* é constituída, de certa forma, de modo intencional, posto que a escritora que o cunha não pretendia fomentar a existência de um conceito, tal qual pode se constatar na colocação da *literata* em entrevista a Soares & Ruiz (2017), em que ao questionarem como surgiu e o que este conceito significa, tem-se como réplica: “Eu já tinha experimentado esse “*escrever*” na tese que depois se transformou em “*escrevivência*”. Mas quando comecei a trabalhar com esses termos, eu não tinha intenção nenhuma de criar um conceito” (SOARES & RUIZ, 2017).

As produções de Conceição Evaristo, quer seja do ponto de vista científico, quer seja do ponto de vista literário, é passível de uma síntese poética que acentua suas criações entre vida real e ficção. Decerto, esta ocorrência se dá porque a autora não hesita em afirmar e assevera insistentemente que sua “*criação surge marcada pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira*” (TV PUC - RIO, 2017) o que não permite, portanto, que a autora se desvencilhe de sua realidade social, mesmo quando estar a ficcionalizar.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

Este fenômeno, por sua vez, serve-nos como um elemento imprescindível para compreensão da origem da noção de escrevivência, uma vez que, se realidade e ficção é uma dicotomia constantemente explorada por Conceição Evaristo, obviamente seus textos não estariam imunes à observação social da própria vida e da existência humana. Para Ribeiro & Pitasse (2018), a artista afirma que o conceito de escrevivência não nasce como o conhecemos hoje, isto significa que há um processo de maturação dessa noção – é o que pretendemos analisar neste trabalho. Na mesma entrevista, a escritora assegura que desde o ano de 1995 ao período atual dedicou-se a trabalhar com trocadilhos de palavras que indicaria, tempo depois, a existência de um conceito, vejamos: “Eu tenho trabalhado com isso desde 1995, com a minha dissertação de mestrado, em que eu faço um jogo com as palavras: escrever, viver, se ver, escrever vivendo, escrever se vendo. Depois surge o termo ‘escrevivência’” (RIBEIRO & PITASSE, 2018).

A afirmação anterior, para além de evidenciar que a expressão aqui problematizada nasce de jogos de palavras que constroem um efeito de sentido que beira uma escrita que surge de si e da vida, apresenta-nos uma informação pertinente para atingir ao que nos propomos: uma ideia cronológica da maturação da expressão. A autora assegura, como vimos em ambas as entrevistas apresentadas, que antes de tornar-se um conceito autoral, o que conhecemos por escrevivência, antes foi “escreviver”, “escrever se vendo”, “viver” e demais outras expressões neste campo semântico e, posterior a isso, ganha formas mais precisas em um seminário formado por mulheres negras, em que Conceição Evaristo escreve: “A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, mas sim para acordá-los dos seus sonhos injustos” (RIBEIRO & PITASSE, 2018).

Esta escrevivência, conforme a autora, tem como plano de fundo a imagem das mucamas e/ou das mãos pretas contando histórias como fonte de entretenimento para aqueles que ocupavam a casa-grande. Consoante à Conceição Evaristo, as mucambas eram apresentadas como “uma mulher que tinha o corpo escravizado, mas também a palavra domada, cerceada” (RIBEIRO & PITASSE, 2018), isto é, a estas mulheres o poder da palavra



era limitado e encerrava em si mesma. Neste espaço [escrevivência], criado pela autora, estas mulheres podem falar a partir de seus anseios e subjetividades, projetando seus discursos como um contra-argumento à falácia da supremacia patriarcal, escravagista e colonial. Sendo assim, esta escrevivência não pode ser, sob hipótese alguma, tomada como fonte de conforto àqueles que alimentam a ideia da inferioridade racial e de gênero, tal qual aconteceu em inúmeros momentos cruciais da história do país – e ainda seguem acontecendo nos tempos atuais –, mas, sim, para desinquieta-los.

Além disso, observa-se que a noção de escrevivência nasce também, para além de uma alternativa possível de rasurar o imaginário social difundido em torno de mulheres e homens negros, como constado em informações mais tarde analisadas, como um exercício de empatia a estas mesmas pessoas que vivem ou viveram em sociedades brasileiras. As escolhas temáticas presentes nas escrituras de Conceição Evaristo servem-nos como uma ilustração a esta assertiva, uma vez que a escritora tanto em suas obras literárias – *Becos da Memória* (2006); *Ponciá Vicêncio* (2003); *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2016) e outros títulos – como nas produções acadêmicas, seja em *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade* (1996), título dado a sua dissertação de mestrado defendida na PUC-Rio, ou em *Poemas Malungos – Cantigos irmão* (2011), titulação de doutoramento na FFF, a escrevente dar forma ao seu ofício aventurando-se em realidades suas e de outros como um exercício de alteridade, tal qual ela assevera no posfácio de um de seus livros: “estas histórias não são totalmente minhas, mas quase que me pertencem, na medida em que, às vezes, se (con)fundem com as minhas” (EVARISTO, 2016, p. 07). Ainda sobre isso, a autora afirma que “essa empatia é construída pela minha condição de mulher negra, de sujeito negro, de negra, contaminada por textos que me falam particularmente pela função de eu ser descendente de povos africanos” (SOARES & RUIZ, 2017).

Diante disso, nota-se que há um processo de fundamentação da noção de escrevivência, em que, como vimos anteriormente, este nasce sem a pretensão de colocar-se como um termo e a partir de expressões que fazem menção a vida e a escrita - ainda na



dissertação de mestrado de Conceição Evaristo - e, posteriormente, passa a ser reconhecido como tal em um seminário em que autora participava como conferencista. Desde então, ainda que timidamente, observa-se que o termo *escrevivência* vai tomando profundidade teórica na medida em que Conceição Evaristo discute-o com outros estudiosos e, ainda, com a atuação de pesquisadores que se propõe a encará-lo como seu objeto de estudo.

Nesse caminho, ainda que o conceito tenha surgido em 1995, inicialmente na dissertação de mestrado da autora e, posterior, sob um arcabouço teórico mais consistente, em um seminário de mulheres e literatura, é somente em 2015 – coincidentemente um ano antes da publicação original da obra *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), também de sua autoria – que as discussões envolvendo a noção de *escrevivência* aparecem timidamente nos ambientes literários, sendo essa máxima percebida pelo pouco número de materiais produzidos e publicados envolvendo o uso da referida noção.

Nesse sentido, nota-se que em 2015, período representado pelo estágio de pré-maturação da expressão, as conceitualizações propiciadas por Conceição Evaristo assumiram um caráter consideravelmente amplo e pouco profundo, pois, sinteticamente, se é afirmado que *escrevivência* diz respeito a um modelo de escrita que tem como mote a própria vida, seja ela de quem for, pois, a princípio, não é expressa nenhuma especificidade ou limitação de gênero, faixa etária e outras, em torno do conceito, como pode ser conferido na seguinte contribuição: “A *escrevivência* é uma escrita que ela é retirada realmente... é... da vida. Tudo que está aí é inventado a partir da vida” (CANAL SAÚDE OFICIAL, 2015).

É evidente que as conceitualizações e discussões sobre a noção de *escrevivência* no ano de 2015 são marcadas pela pouca desenvoltura – no tocante de quantidade e qualidade de elementos característicos da *escrevivência* – em relação as demais entrevistas compiladas dentro do recorte temporal em que atua a presente pesquisa. No entanto, ainda que assim caracterizadas, as informações são suficientemente necessárias para a compreensão preliminar do que se trata o respectivo termo, pois desperta a capacidade de assimilação das



qualificações incluídas e, por vezes retiradas, da raiz dos conceitos expressos nas informações disponibilizadas em anos posteriores.

Nas informações propiciadas por Conceição Evaristo e trazidas na entrevista publicada pelo Canal Saúde Oficial (2015), é apresentado um elemento crucial para compreensão do texto escreviente<sup>4</sup>, pois, tendo como base a assertiva da autora, pode-se perceber que a noção de escrevivência no ano de 2015 fora defendida como o processo de escrita “inventado” a partir da vida humana e que, portanto, não há nenhum compromisso efetivo com a realidade vivida no ato da descrição das experiências, o que concede ao escritor (a) a liberdade criacionista para escrever e inventar aquilo que é conveniente e/ou necessário em seu ofício – obviamente sem deixar de considerar o fio factual dos objetos e fatos ficcionalizados, por tratar-se de um texto que nasce da existência individual e coletiva de quem o escreve.

Noutro momento, em entrevista à UEMG Unidade Davinópolis (2015), a autora reafirma a colocação anterior, no entanto, proporcionando uma conceitualização da noção mais detalhada, vejamos:

**C. E.** – [...] aí eu usei o termo escrevivência, que na verdade quando eu usei escrevivência estou dizendo de uma escrita que nasce realmente de uma vivência, que não precisa ser minha vivência particular, né? É a vivência da comunidade, é a vivência do amigo que conheço... e que acabo também projetando como a minha vivência, a partir da experiência, né? [...] Mas escrevivência é isso, é essa escrita marcada pela vivência, que é marcada pela sua experiência (UEMG UNIDADE DAVINÓPOLIS, 2015).

Os discursos da autora nos recortes expostos acima apresentam uma visão ampla e explicativa sobre a estrutura basilar da expressão, em especial quando a escrevente salienta que o citado conceito se trata de uma nomeação dada às escrituras em que os fenômenos e os objetos narrados são extraídos do íntimo das experiências dos sujeitos e, posteriormente, são reapresentados no plano ficcional. Todavia, é possível perceber, particularmente na última entrevista apresentada, que não se tratar tão somente das experiências da pessoa que as

---

<sup>4</sup> Utilizamos este termo, e o colocamos com um possível desmembramento do conceito de escrevivência, para referirmos aos textos que tenham uma natureza apontada para escrevivência.



escrevem, isto é, na escrevivência também podem ser escritas vivências externas a da autora ou do autor, como exemplo, as de um amigo, do pai, da mãe, das avós, dos vizinhos<sup>5</sup>, dentre outros. Desse modo, quem assim o faz, na qualidade de autora ou autor de uma escrevivência, antes de iniciar o exercício da escrita, deve colocar-se na posição de observador; se propõe a reconhecer a realidade; contatá-la; para então portar capacidade suficiente para transportá-las para ficção (UEMG UNIDADE DAVINÓPOLIS, 2015).

Sobre este posicionamento, em entrevista ao canal oficial da Universidade Estadual de Minas Gerais – UEMG, a autora utiliza da fala do escritor angolano vastamente conhecido pelo pseudônimo de Pepetela (1941) para explicar o processo de representação das experiências trazidas do plano real para o fictício no que se refere à construção da escrevivência, vejamos na fala a seguir:

**C. E.** – [...] quando você fala escrevivência você pode pensar no que o Pepetela diz quando ele diz que só escreve ficção quem conhece a realidade. Quando a menina que trabalha do tribunal, alguma coisa assim... [buscando a congressista na plateia] quando ela diz que leu os textos pensando que fosse verdade, que os personagens ali só tinham mudado os nomes porque isso ela encontra nos relatórios dela... então escrevivência é isso né... agora é você aproveitar essa vida e transformar essa vida em ficção, em literatura... eu acho que aí é que é o barato ou o caro da coisa, ne? (UEMG UNIDADE DAVINÓPOLIS, 2015).

Diante disso, vê-se que desde as primeiras tentativas de conceptualização da expressão escrevivência já havia uma preocupação premente em relação a posição da escritora e do escritor do texto escreviente. Tendo como fundamento as declarações que Conceição Evaristo expõe às entrevistadoras e aos entrevistadores nos documentos que serão aqui tratados, nota-se que o local de observação e a capacidade de ficcionalizar fatos reais daquela ou daquele que escreve é um diferencial nas escrituras de natureza escreviente, pois, embora a autora ou o autor tenha liberdade quanto à invenção – como vimos nas primeiras entrevistas

---

<sup>5</sup> Justifica-se, pois, a referência a estes entes pela frequência em que são postos nas escrevivências de Conceição Evaristo.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

– o que se é criado não pode se distanciar totalmente da realidade, uma vez que este texto tem sua raiz fortemente imbricada na vida factual e, por isso, nomeado de escrevivência.

No que se refere ao desenvolvimento do conceito posto em pauta, salienta-se que em 2017, diferentemente do que se é percebido em 2015, o conceito de escrevivência foi sendo construído sob formas mais bem estruturadas, conseqüentemente evidenciando novos elementos e direções. Esta ocorrência fora motivada pelas exigências de pesquisadores que após a midiatização da expressão passaram a reivindicar com muita frequência que a escritora a contextualizasse com mais exatidão, como pode ser depreendido em: “[...] mas quem diz que eu criei um conceito, quem tem procurado este conceito são os pesquisadores, tá? Porque pesquisador é cheio de mania, você fala uma coisa e aquilo tem que ter aquela é... exatidão [...]” (UEMG UNIDADE DAVINÓPOLIS, 2015), declaração propiciada pela escrevente em uma entrevista vinda ao público no ano de 2015.

Contrapondo as informações constantes nas entrevistas compiladas no ano de 2017, às de 2015, percebe-se que há uma especificidade entre as conceitualizações, sobretudo se levado em consideração que: se em 2015, a referida expressão se tratava da escrita de experiências extraídas do plano real para o fictício, tendo como referências as vivências individuais e/ou coletivas; em 2017, ainda que se prevaleça a essência, pois também diz respeito a escrita das experiências, outros elementos que não foram apresentados nas discussões anteriores permeiam mais fortemente a respectiva expressão, tais como: questões de raça e gênero, subversão ao imaginário difundido em relação às mulheres negras no curso do período escravocrata; humanização às classes historicamente desfavorecidas, dentre outras<sup>6</sup>

Ao site *Mulheres que Escrevem*<sup>7</sup>, após ser surpreendida com a proposta de discorrer sobre seu projeto literário, Conceição Evaristo avalia sua escrita do ponto de vista que

<sup>6</sup> De certa forma, estas questões sempre estiveram presentes no conceito de escrevivência, desde quando Conceição Evaristo utiliza-o pela primeira vez em 1995. No entanto, observa-se que de 1995 a 2015, tais discussões não foram devidamente aprofundadas, parecendo com maior afinco somente em 2017, como vê-se nas entrevistas que utilizamos para ampliação teórica do respectivo conceito.

<sup>7</sup> Disponível em: < <https://medium.com/mulheres-que-escrevem> >.



extrapola a criação artística e, portanto, analisando também as produções críticas-científicas, argumentando que: “eu digo que tudo que escrevo, seja de um ponto de vista crítico, como pesquisadora, ou de um ponto de vista da criação literária, é profundamente marcado pela minha condição de mulher negra na sociedade brasileira...” (IMBUZEIRO, 2017).

Esta condição de mulher negra proveniente de classes populares a qual Conceição Evaristo se refere atravessa a segmentação da noção de escrevivência que, conforme pontuado outras vezes pela autora, tem auxiliado mulheres negras a ocuparem cada vez mais espaços nos ambientes literários. Nesse sentido, nota-se que esta nomeação permite o exercício da escrita às mulheres pertencentes as classes populares, as quais por muito tempo tiveram este direito quase sempre negado e, quando não, era proposto como exercício de entretenimento aos filhos dos senhores da casa-grande (EVARISTO, 2017c, s.p).

Nessa mesma linha de raciocínio, após ser questionada sobre como essa prática de escrita – escrevivência – poderia auxiliar e/ou visibilizar mulheres negras, tanto na condição de escritoras, quanto como leitoras, a escrevente assegura que:

**C. E.** – O que tenho percebido é o seguinte: essa “escrevivência” tem ajudado outras mulheres a se perceberem. Percebo cada vez mais que, na medida em que essas mulheres se encontram nos meus textos e encontram os meus textos, elas se apossam da vida com muito mais certeza. Acho que a minha escrita tem possibilitado que essas mulheres acreditem mais em si mesmas, que se reconheçam, que sabemos ser muito difícil (REVISTA CONEXÃO LITERATURA, 2017)<sup>8</sup>.

É possível observar nos fragmentos apresentados que Conceição Evaristo introduz questões referentes à feminilidade afrodescendente à raiz da noção de escrevivência, o que se configura como a primeira especificidade identificada nas conceitualizações dispostas em 2017, sobretudo em relação às denotadas no ano de 2015. Este episódio, por sua vez, não pode ser compreendido como mera ocorrência, pois não é somente na entrevista concedida ao site *Mulheres que Escrevem* (2017) que a autora evidencia traços feministas no âmbito da

---

<sup>8</sup>Em *Escrevivências sobre mulheres negras acompanhadas pela proteção social básica – uma perspectiva interseccional*, Soares (2017) opera a citada pesquisa sob esta visão.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

discutida noção, tampouco à Revista Conexão Literatura (2017), visto que esta afirmativa reaparece n'outras entrevistas realizadas com autora e publicadas dentro do espaço-tempo que esta pesquisa propôs-se analisar, tal qual poderá ser constatado nas próximas discussões a serem apresentadas.

Após ter afirmado que no centro da expressão *escrevivência* há uma intensa preocupação em relação às experiências de mulheres negras, no mesmo ano, em depoimento ao jornal *El País* (2017), Conceição Evaristo explica como acontece o processo de escrita de outras experiências a partir da sua compreensão de mulher negra na sociedade brasileira, evidenciando, com isso, a estreita relação existente entre afrobrasilidade e *escrevivência*, vejamos:

**C. E.** – *Escrevivência* a gente pode pensar em uma escrita que é profundamente comprometida com a vida, é profundamente comprometida com a vivência, é... mesmo no processo de funcionalização eu vou ficcionalizar a partir de fatos, de situações reais, que podem ser da minha vivência ou não, que podem ser em função da minha história particular, como pode ser da minha história coletiva e sempre em uma escrita marcada pela minha condição, pela minha vivência de mulher negra na sociedade brasileira (EL PAIS, 2017).

Diante disso, utilizando as obras de Conceição Evaristo para fins de explicação da assertiva anterior, compreende-se que os fatos ficcionalizados em seus textos, essencialmente os de caráter literário, são pensados a partir da vida – o que é apontado desde as primeiras conceitualizações da expressão. Por ser assim, significa também dizer que sendo ela uma mulher negra vivendo na sociedade brasileira, o processo de recepção e filtro dessas experiências – uma vez que para a referida escrevente este é o elemento que precede a descrição e ficcionalização – opera a partir da realidade cotidiana em que se é submersa esta classe de mulheres, bem como o que seu legado histórico as permite conhecer. Sendo assim, mesmo no ato de escrita d'outras vivências exteriores às da escritora, a condição feminina se faz presente como parte íntima e fundamental da narrativa, atuando como mediadora das



discussões propostas, bem como das pautas levantadas e construções representativas e autorrepresentativas das personagens.

A discussão entre escrevivência e mulheres negras reaparece de maneira mais robusta em *Conceição Evaristo: 'minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra'*, também publicada no ano 2017, pelo canal Juliana Lima. Ao ser indagada sobre o que significa escrevivência, Conceição Evaristo além de apontar o possível ano e local de surgimento, justifica a necessidade e a motivação pela qual faz surgir a expressão, possibilitando compreender a introdução e a condição de mulher negra em que estão envolvidos seus textos. Nessa esteira, a autora alega que este conceito emerge “fundamentado no imaginário histórico que eu quero borrar, rasurar. Esse imaginário traz a figura da ‘mãe preta’ contando histórias para adormecer a prole da casa-grande, e é uma figura que a literatura brasileira [...] destaca muito” (LIMA, 2017, grifo no original).

Esta relação, portanto, está fundamentada a partir de situações vividas por mulheres negras no período escravagista posto em curso no Brasil, onde os papéis sociais destinados a esta classe se tratavam sempre de exercícios subalternos, como cuidar da família dos donos dos engenhos, servir sexualmente os senhores e iniciar seus filhos, atuar como mãe preta e/ou ama de leite e ainda, como Conceição Evaristo comumente cita, contar histórias para adormecer os da casa grande (EVARISTO, 2017c). No contexto da atual conjuntura da sociedade brasileira essas atribuições são maquiadas – muitas delas até reconhecidas como legal para a lei –, funcionando como mecanismos de submissão e redução da capacidade feminina, colocando-as, portanto, sempre em situação de subalternidade social.

Desse modo, é a partir dessas ocorrências que a escrita de Conceição Evaristo se constitui, propositalmente, como uma subversão ao sistema escravagista, como também ao imaginário que se é criado sobre mulheres negras neste período e que ainda se perpetua na contemporaneidade. Para Conceição Evaristo, o imaginário social da mulher preta na atual conjuntura da sociedade ainda é fundamentado pelo que foi criado na escravidão, podendo essa assertiva ser melhor delineada em: “a mulher negra ela pode cantar, ela pode dançar, ela



pode cozinhar, ela pode se prostituir, mas escrever, não, escrever é uma coisa... é um exercício que a elite julga que só ela tem esse direito” (EVARISTO, 2010). A colocação da autora coaduna, conseqüentemente, com o que fora afirmado por Hooks (1981, p. 05) ao discorrer sobre as lutas e as identidades das mulheres negras: “mulher branca pode ao menos alegar para si a sua própria emancipação; já as mulheres negras, duplamente escravizadas, podem senão sofrer, lutar e ser silenciosas” (HOOKS, 2019, p. 05).

Além disso, os comentários de Conceição Evaristo na presente entrevista denunciam ainda a maneira pela qual as mulheres negras, em especial no Romantismo e no Modernismo, são representadas na literatura, pois, quando são, assumem, quase sempre, posições que as inferiorizam e fazem claras referências aos ofícios atribuídos a elas durante a escravidão. Sobre a citada ocorrência, em entrevista à Soares & Ruiz (2017), a escritora fundamenta sua crítica afirmando que:

C. E. – Na literatura brasileira, no Romantismo e no Modernismo, você vai encontrar principalmente poetas relembrando as mães pretas deles e de uma saudade das mães pretas contando histórias. Em “Mãe Maria”, um conto de Olavo Bilac ele relembra até a tonalidade da voz da mãe preta, e fala da saudade que ele tem dessa mãe preta e que era uma mulher que apaziguava os filhos da casa grande e não podia nem ter conhecimento dos seus filhos (SOARES & RUIZ, 2017).

Embora a romancista se refira a ambos os movimentos literários – Romantismo e Modernismo – de maneira específica para referenciar ao modo de representação de mulheres negras nos respectivos períodos, se é utilizado como ilustração da assertiva o conto *Mãe Maria*, publicado como parte da obra *Contos Pátrios* (1961), do escritor brasileiro Olavo de Bilac, no qual há fortes referências ao período escravocrata, em especial aos papéis das mães pretas. É extensa a lista de obras difundidas em ambas as escolas ou ainda na literatura brasileira, propriamente dita, que representam a mulher negra sob esta mesma perspectiva, não sendo Olavo Bilac uma exclusividade.

Dessa forma, pode-se compreender, agora mais evidentemente, que a noção de escrevivência no ano de 2017, de acordo com a autora, teve como um dos objetivos –



arriscamos dizer que o mais importante – a incumbência de subverter, rasurar, invalidar a condição de passividade que é posta forçadamente a esta classe de mulheres que vivem em situações periféricas e à margem da sociedade capitalista<sup>9</sup>, como pode ser percebido em: “quero rasurar essa imagem da ‘mãe preta’ contando história. A nossa “escrevivência” conta as nossas histórias a partir das nossas perspectivas, é uma escrita que se dá colada à nossa vivência [...] para acordar os da casa-grande” (LIMA, 2017, grifo nosso).

Por ser assim, cabe-nos afirmar que é a partir dessa observação que a escrevivência de Conceição Evaristo vai sendo conscientemente segmentada; as personagens construídas e as escolhas temáticas sendo elencadas, como a própria escritora afirmou em entrevista à *Revista Conexão Literatura* (2017): “as escolhas temáticas, o vocabulário, as personagens, os modos de construção das mesmas, o enredo, nada nasce imune ao que sou, às minhas experiências, à minha vivência” (EVARISTO, 2017c, s/p).

Dessa maneira, compreende-se que a expressão escrevivência nasce motivada pela necessidade de uma nova leitura em relação à dita história oficial, bem como pelo desejo de rasurar o imaginário e o entendimento equivocado em se tratando das capacidades e dos direitos de mulheres negras, ainda reproduzidos na atual organização da sociedade. Uma vez sendo assim, as narrativas de Conceição Evaristo se constituem, portanto, como um levante e subversão histórica, o que justifica satisfatoriamente o impacto que elas têm proporcionado no cenário literário pós-moderno<sup>10</sup>.

Com base no que fora exposto até então, observa-se que no ano de 2017 a escritora mineira passa a trabalhar mais firmemente com a noção de escrevivência, principalmente a partir do imaginário feminino surgido no curso da escravidão no Brasil. Em entrevista ao Instituto Art Tear (2017), Conceição Evaristo afirma novamente que: “quando eu penso em escrevivência, ou quando eu usei esse termo escrevivência, [...] eu estou me referindo à escrita

---

<sup>9</sup>Sales (2018) desenvolveu uma pesquisa neste sentido da expressão, conferir em *Negras grafias contemporâneas: das escrevivência aos gestos performáticos*.

<sup>10</sup>Este cenário é representado pelo período de rompimento [ainda em construção] com o movimento modernista, motivada pela crença dos artistas do século XX, que afirmavam que a escola moderna não se fazia suficiente no que tange à representação da originalidade brasileira.



de mulheres negras”; complementando, posteriormente: “quando eu penso em escrevivência eu já vejo escritoras negras, escritoras que já tem essa possibilidade de escrita, essas escritoras elas vão se apossar de um modo de fazer literário que está muito mais ligado as classes dominantes” (INSTITUTO ART TEAR, 2017).

Esses fragmentos revelam o quanto a noção de escrevivência está vigorosamente associada à conquista do direito de escrita e ao poder e possibilidade que estas mulheres detêm uma vez consumada esta capacidade. Por ser assim, os manuscritos dessas mulheres se configuram abertamente como um contra-argumento ao discurso colonizador, pois, para Conceição Evaristo, a escrevivência concebe a este grupo a viabilidade de recontar suas histórias e a história dos seus, não como exercício de recreação aos brancos, mas, sim, como uma tentativa de contrariá-los e reparar, ainda que parcialmente, os danos causados pela escravidão (INSTITUTO ART TEAR, 2017).

No mesmo ano, no entanto, percebe-se que a escritora rompe de modo parcial com a noção de escrevivência no sentido de ser aquela que contempla tão somente escrita de mulheres negras pertencentes a classes populares, conforme a que fora apresentada anteriormente. Este episódio se caracteriza, por sua vez, como a segunda especificidade da referida noção identificada nesta seção, posto que agora a noção apresenta uma significação mais extensa e inclusiva em relação ao que fora discutido em momentos anteriores. A especificidade presentemente identificada diz respeito à inclusão de, para além das experiências de mulheres negras, as vivências dos africanos e seus descendentes.

**C. E.** – E essa escrevivência ela vai partir, ela toma como mote de criação justamente a vivência, ou a vivência do ponto de vista pessoal mesmo, ou a vivência do ponto de vista coletivo e quer dizer, essas vivências dessas mulheres negras, não só a vivência das mulheres, mas dos africanos e seus descendentes do Brasil (TVBRASIL, 2017a).

Como visto, agora Conceição Evaristo expande a referida expressão de tal modo que esta não alcance tão somente mulheres negras de camadas sociais populares e exclua,



consequentemente, os demais indivíduos; conservando, no entanto, o teor étnico como balizador das discussões presente desde as primeiras conceitualizações. Com isso, observa-se que a noção de escrevivência se amplia de maneira acumulativa, isto é, não se despreza totalmente a conceitualização anterior em detrimento das noções postas posteriormente, pelo contrário, soma-se e acrescenta-se novos elementos a ela. Neste caso, em específico, foi-se conservado o que acreditamos ser o maior fator e, portanto, mais importante da respectiva noção - a vivência, tal qual poderá ser constatada através das análises cronológicas das concepções.

No entanto, nota-se que ainda se mantém em espaço de privilégio, no campo das escrevivências, as experiências de mulheres negras e afrodescendentes, o que foi introduzido por Conceição Evaristo desde 1995, mas que só é mais bem fundamentado e/ou explorado no ano de 2017. Todavia, ainda que isto ocorra, a autora reconfigura a expressão de modo que nela caiba também as experiências dos africanos e seus descendentes, isso porque as experiências destes povos a marcam enquanto escritora, como ela mesma declara em entrevista ao Canal Vrá (2017), vejamos: “[...] eu sou muito marcada por essa experiência, né... por essa condição, esse histórico de mulher negra e das classes populares na sociedade brasileira e meu dialogar com a ancestralidade” (CANAL VRÁ, 2017).

A condição colada em discussão pela autora serve-nos de apoio para uma diferenciação urgente e necessária em relação ao projeto de escrita daquela ou daquele que se propõe a escrever, pois, sendo este um texto de caráter crítico-literário, que tem como mote de criação, sobretudo, a própria vida, como apresentado em transcrições da fala da autora em citações anteriores, por que não o chamar de (auto)biografia?. Neste sentido, invocamos a conceitualização de Philippe Lejeune (2008), que embora tenha assumido os irritantes problemas aparecidos durante sua tentativa incipiente de definir o que é uma autobiografia em *L'autobiographie em france* (1971), considerou pertinente pontuar que autobiografia diz respeito a uma “narrativa retrospectiva e prosa que uma pessoa real faz de sua própria



existência, quando focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade” (LEJEUNE, 2008, p. 14).

Considerando a presente contribuição conceitual do autor, o que se pode afirmar, quando posto em situação de confronto com a escrevivência, é que esta última se vale também, mas não somente, de matrizes autobiográficas, pois há um movimento retrospectivo de narração de fatos vivido pela autora ou autor que vos apresentam, no entanto, estas disposições não podem e não são apresentadas como tão somente história de suas respectivas personalidades.

O texto o qual recebe a nomeação escrevivência, para além de delinear traços da personalidade da autora ou do autor, nasce com um objetivo que ligeiramente o difere da autobiografia, bem como de seus outros “vizinhos”, como diria Lejeune (2008). Na escrevivência, portanto, há uma tentativa consciente de revisitação e compreensão histórica dos fatos apresentados, contrariando, conseqüentemente, os discursos fascistas que escreveram a história dita oficial sob e a partir de derreamento de sangue negro e da subalternização de sujeitos minoritários, o que permite-nos afirmar com segurança que esta modalidade de escrita, emergida excepcionalmente pelo corpo, condição e a experiência de quem o faz, nasce imbricada na história e pela democratização e descolonização dela.

Em retorno às análises da maturação do conceito, foi-se identificado que durante os anos posteriores, isto é, 2018 e 2019, as conceitualizações propiciadas por Conceição Evaristo não apresentaram nenhuma dissidência significativa em relação às anteriores, o que significa dizer que grande parte do que autora afirmou em 2015 a 2017, em se tratando do conceito de escrevivência, fora reafirmado nos anos ora discutidos, como pode ser observado nas declarações reportadas a seguir:

**C. E.** – Então escrevivência nasce muito querendo borrar esse processo histórico. Se houve um momento em que as mulheres negras tinham por obrigação adormecer os da casa-grande, hoje o nosso texto, a nossa fala... não pretende adormecer os da casa-grande, pelo contrário, pretende acordá-los dos seus sonhos é... injustos (TVBRASIL, 2018).



O que a autora afirma para a TvBrasil (2018), reforçamos, é basicamente o que se fora certificado na totalidade das entrevistas concedidas e publicadas no ano de 2017, as quais se ancoram nas experiências de mulheres negras na escravidão. Em nenhuma das entrevistas esquadrihadas, referentes aos dois citados anos [2018-2019], são expostas outras perspectivas que incluam outros sujeitos senão mulheres afro-brasileiras, abandonando parcialmente o que pontuara em 2017 sobre a possibilidade de homens e africanos e seus descendentes eternizarem suas experiências e memórias por intermédio das escrevivências, como se é possível constatar no presente excerto:

**C. E.** – A escrevivência ela tem como fundamento uma questão ética, uma questão de gênero porque seria uma escrita de mulheres e nessa questão é sempre e justamente a escrita dessas mulheres que trazem atrás de si este processo histórico de seus ancestrais terem passado pelo processo de escravização (FESTIVAL DE MULHERES DO MUNDO, 2019).

Contudo, ainda que muitas nuances tenham sido identificadas em relação ao conceito de escrevivência nas entrevistas as quais nos versamos para a tessitura deste trabalho, pode-se compreender pelas discussões que foram oportunizadas que a referida noção, estritamente entre os anos de 2015 a 2019, se tratou potencialmente de um conceito emergido em 1995 e que diz respeito a uma modalidade de escrita na qual operam escritoras e escritores em busca de uma reparação histórica para com os sujeitos negros e seus afrodescendentes. Para além disso, esta expressão fora compreendida também como um espaço em que são resguardadas as lembranças da vida cotidiana; as trajetórias e as experiências individuais e coletivas de um determinado grupo ou indivíduo que não necessariamente precisa ser negra ou negro ou do gênero feminino; a revisitação de um tempo passado como percalço para o presente, dentre outros elementos que, quando eternizados por intermédio da escrita, realidade e ficção inevitavelmente se confundem.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

Isso posto, ressaltamos que os recortes das entrevistas evidenciados acima findam a discussão referente ao processo de fundamentação teórica-conceitual da noção de escrevivência, as quais buscamos evidenciar o que se modificou e o que permaneceu entre os anos de 2015, 2017, 2018 e 2019, bem como perceber como se constituiu a expressão a partir da fala da própria precursora. No entanto, essas mesmas entrevistas possibilitam outras discussões no que tange à noção polarizada no presente documento, uma vez que estas apontam para elementos igualmente necessários para a compressão da expressão sob outras perspectivas, por exemplo: componentes fundamentais na tessitura da escrevivência da escritora Conceição Evaristo, de modo particular.

Na entrevista publicada sob o título de *Nasci Rodeada de Palavra*, concedida à Soares & Ruiz (2017), após iniciarem uma discussão sobre o conceito de escrevivência, a escritora entrevistada, em um determinado momento da sabatina, profere a seguinte sentença: “mas esse termo, ou essa opção por denominar o meu texto por uma “escrevivência”, não é só minha, nós podemos pensar nos textos de outras mulheres, e até de outros autores, cada um traça a sua “escrevivência” (SOARES & RUIZ, 2017, grifo no original). Os dados apresentados neste excerto contribuem significativamente para o debate aqui proposto de duas formas distintas; inicialmente, pode-se perceber que este conceito não se trata de uma denominação particular de Conceição Evaristo, posto que a literata assegura que outros escritores também podem nomear suas produções de ‘escrevivência’ sem nenhuma implicação ética.

Na mesma esteira, Conceição Evaristo pressupõe ainda, de modo mais específico no seguinte trecho: “cada um traça a sua “escrevivência” (idem), que não existe uma norma ou um modelo que regule a confecção de uma escrevivência, por isso, é incumbência do autor optar pelas pautas políticas-sociais; as discussões temáticas; a segmentação das personagens, assim como a escolha pela linguagem pela qual se dará a narrativa. O elemento que prevalece, de modo indispensável, é a construção de um texto cujo mote é a própria existência, isto é, a vida em sua mais profunda complexidade, considerando, acima de tudo, questões referentes à



subalternidade social, vozes e sujeitos invisibilizados, assim como o compromisso com uma revisão na dita história oficial e eurocêntrica.

De modo particular, a escrevivência de Conceição Evaristo<sup>11</sup> é elaborada essencialmente a partir dos efeitos destrutivos que a escravidão no Brasil e na África ocasionou na história dos povos negros, especialmente em se tratando do papel redutivo atribuído às mulheres negras durante este regime e que, insistentemente, perdura-se na atualidade. Quando Conceição Evaristo afirma que “eu poderia pensar numa autoria negra que borra essa imagem, porque essas mulheres tinham de contar história justamente para adormecer os nenês da casa grande” (SOARES & RUIZ, 2017), fica claro que a imagem em que a autora se refere diz respeito à condição historicamente criada como controle de poder e estratégia de subalternização do corpo feminino e negro no período escravagista, contudo, sendo o objetivo da escrevivência evaristiana: a rasura desse episódio e, conseqüentemente, a adequação dele nos textos da pretensa história oficial do Brasil.

Ao discorrer sobre sua escrevivência, considerando sua personalidade, Conceição Evaristo assinala que:

C. E. - no meu caso, particularmente, a imagem na qual essa palavra está fundamentada traz um processo histórico, ela nasce propositalmente querendo borrar a imagem das africanas escravizadas e suas descendentes que tinham de contar história para os da casa grande. Eu poderia pensar numa autoria negra que borra essa imagem, porque essas mulheres tinham de contar história justamente para adormecer os nenês da casa grande, elas nunca podiam contar sua própria história. Elas não podiam falar para o bebê: “Ah, seu pai me escraviza, e eu estou aqui por ser obrigada a contar essa história pra você”. Ela tinha que inventar outras histórias para apaziguar os bebês e colaborar com a paz da casa grande. Então, essa imagem da “mãe preta” me incomoda muito, e foi uma imagem que foi muito cultivada (SOARES & RUIZ, 2017, grifo no original).

---

<sup>11</sup>Desenvolvem pesquisa sob esta perspectiva os respectivos autores: Sacramento (2017), em *As representações femininas e suas rasuras nos estereótipos sociais em Ponciá Vicêncio* (2003); Melo (2016) em *Narrar e Narrar-se, Criar e Criar-se: a escrevivência de Conceição Evaristo como emancipação do corpo negro*; Leite & Nolasco (2019), em *Conceição Evaristo: escrevivências do corpo*.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

Esta afirmativa explica, de modo didático, inclusive, o teor étnico presente na crítica literária produzida por Conceição Evaristo, ou, ainda, o porquê de tais questões aparecerem tão latente nas conceitualizações de escrevivência propiciadas pela escrevente, como pode ser observado nas discussões promovidas anteriormente nesta seção. Nesse caminho, depreende-se que a condição de mulher negra de classe popular e que vive à margem da sociedade brasileira influencia intimamente na seleção temática daquilo que se é discutido em seus textos, ou ainda, no modo em que são retratadas suas personagens.

A escolha consciente por assim fazer, dá-se pela necessidade de romper com as tradições eurocêntricas de representação da mulher negra; de desromantizar o papel das mães pretas e das amas de leite; de subverter o sistema escravagista que coloca o exercício da contação de histórias como obrigatoriedade das mucamas e, ainda, como fonte de distração dos senhores da casa-grande, dentre outros papéis que as desqualificam. Decerto, outros escritores optam por discussões que não as mesmas de Conceição Evaristo para integrarem suas escrevivências, pois, como foi pontuado pela própria autora, não é uma obrigatoriedade as pautas femininas e/ou afrodescendentes, visto que cada autor escreve tendo por base suas experiências cotidianas e estas provocam inquietações diferentes em cada indivíduo.

No entanto, Conceição Evaristo afirma incansavelmente que sua escrevivência é profundamente marcada pela sua condição de mulher negra vinda de classe popular e, por ser assim, tem por objeção romper com o imaginário reduutivo em torno da mulher negra na medida em que as proporciona a possibilidade de escrita e visibilidade no cenário literário, sendo este o traço mais representativo da diferenciação da escrevivência evaristiana.

Nesse sentido, cabe ainda salientar que a posição histórica assumida por Conceição Evaristo no processo construtivo da escrevivência trata-se de uma perspectiva descolonial, atentando ao fato de que a autora concentra seus esforços em denunciar a existência de uma outra história que se coloca propositalmente dissidente em relação àquela assinada e escrita total embebecida pela ótica dos colonizadores ou, ainda, construída sob a anulação de corpos e derramamento de sangue considerados marginais.



Em *Corpo e Descolonialidade em Composição Poética Cênica*, ainda que os autores não apontem seus interesses diretamente para a literatura, propriamente dita, eles apresentam um elemento necessário para compreensão da relação descolonial na narrativa, firmando que: “a opção descolonial é um mundo da coexistência, no qual percebemos a colonialidade intrínseca a nossos processos culturais e descobrimos como viver com ela” (SIMÃO & SAMPAIO, 2018). Isto é, a descolonialidade está pensada a partir da possibilidade de descentralização das forças atribuídas [ou forçadamente construída] a matriz colonial e, assim o fazendo, distribuindo-a àqueles que serviram de base para constituição da hierarquia do poder – os subalternos. Assim, nota-se que a produção de Conceição Evaristo, em toda sua essência, está, conforme apontam Simão e Sampaio (2018), em constante processo de descoberta de estratégias possíveis para se viver com a colonialidade, sendo maior delas: a subversão.

De acordo com a referência acima, a condição de mulher negra, presente na escrita de Conceição Evaristo nos mais diferentes níveis de produção, opera de modo a também orientar a construção das personagens que seus textos apresentam ao público leitor, podendo ser constatado, com maior propriedade, no seguinte fragmento:

C. E. - Esses dias eu encontrei uma maneira de explicar como a escolha de personagens também ilustra essa “escrevivência”. Quando vamos criar a imagem de uma empregada como a Ditinha que aparece em *Becos da Memória*, o lugar social que escrevemos é como se estivéssemos lá dentro do quarto dela olhando para a patroa cá fora. Essa “escrevivência” é profundamente marcada pelo lugar social que nós escolhemos para compor. Enquanto, para outra escritora – que não tem nada a ver com a história de vida da empregada, nem com a história da coletividade dela – é como se, para compor, ela parasse na porta do quarto da empregada, olhasse lá dentro e fizesse o texto sobre ela (SOARES & RUIZ, 2017, grifo no original).

Diante disso, é notório que no processo de feitura de uma *escrevivência evaristiana* há uma forte diferenciação em representar e representar-se<sup>12</sup>, especificamente tratando-se da criação das personagens. Esses traços de dissemelhanças consistem não somente em como é

<sup>12</sup> Esta discussão é mais bem articulada no segundo capítulo deste trabalho, em específico na seção intitulada *As personagens – performances extra ficcionais*.



dirigido o discurso construtor da identidade das personagens a serem produzidas, mas também por quem o faz, o sujeito criador. Tendo como objeto de exemplificação a obra que Conceição Evaristo fez referência na citação acima, em *Becos da Memória* (2017), por exemplo, as personagens não-negras, de classe média alta e residentes do bairro nobre situado ao lado da favela onde ambienta-se a narrativa, representam um modelo de representação, uma vez que se é percebido que o modo de vida ou as atividades desenvolvidas pelas personagens não são as mesmas as quais praticam a autora que as criaram ou o grupo social a qual esta pertence.

Em contraposição a isso, as mulheres negras que se veem obrigadas, em virtude da situação em que são postas, a descerem o morro pela manhã cedo à procura de recursos financeiros, geralmente por meios de trabalhos considerados subalternos, para alimentar a si e aos seus filhos; as lavadeiras; cozinheiras e, principalmente, as empregadas domésticas constituem-se como uma auto representação, pois, como pode ser constatado por via de textos autobiográficos<sup>13</sup> publicados pela própria autora em seu blogger particular, foram atividades que fizeram parte da dinâmica de sobrevivência pessoal e familiar da escrevente em seu passado vivido em Minas Gerais, sendo por essa razão a descrição tão precisa de tais personagens que, como visto, decorre do conhecimento empírico das situações retratadas.

Outro elemento igualmente relevante para compreensão da escrevivência de Conceição Evaristo diz respeito às marcas de oralidade postas propositalmente em seus textos. A primazia pela proximidade entre o texto escrito e a oralidade na produção da romancista, para além de propiciar uma proximidade do público leitor em relação à produtora da obra, também é um fator elementar para acessibilidade, aceitabilidade e sensibilidade dos romances evaristianos. Além de que pode ser também considerada como uma forma de preservação da linguagem popular, sobretudo dos dialetos da comunidade na qual a autora faz parte, como pode ser observado no trecho a seguir:

---

<sup>13</sup> Cf. *Conceição Evaristo por Conceição Evaristo* (2009), disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>>.



C. E. - O meu grande desejo é justamente produzir uma literatura em que o texto fique confundido com essa oralidade. Tem uma expressão aqui [apontando para o livro *Becos da Memória*], que é uma empregada limpando a casa, e eu digo: “Não tinha uma gota de poeira no ar”. Minha revisora diz: “Conceição, não tem gota de poeira”. Eu falei: “Tem. Aqui tem gota de poeira”. Porque é possível dentro da linguagem popular. [...]. E eu quero trazer essa linguagem. Trabalho muito com palavras *bantu* (SOARES & RUIZ, 2017, grifo no original).

Desse modo, compreende-se que é por meio das marcas de oralidade, isto é, da transcrição literal da fala cotidiana presente na composição de suas obras, que Conceição Evaristo constrói a sensibilidade e a profundidade que envolve as suas narrativas. Assim, por meio deste recuso, a escritora assegura a comoção do leitor diante de seus textos; a acessibilidade no diálogo entre a narrativa e o leitor comum, bem como a conservação da linguagem *bantu*<sup>14</sup>, excessivamente admirada e respeitada pela poetiza.

Nesse caminho, a escrevente justifica esta opção pontuando que quando são utilizadas expressões que remetem ligeiramente à oralidade, há um distanciamento proposital das suas obras quanto aos preceitos teórico-normativos, evitando, por sua vez, obstaculizar a leitura daqueles que são menos favorecidos intelectualmente e, por consequência, roubá-los do direito de acesso à sua obra – levando em consideração que a linguagem oral detém em si uma estruturação própria que difere drasticamente daquela defendida pela gramática descritivo-normativa – com isso, aproximando o texto ao povo/camadas populares, como explicitou em:

C. E. - Eu quero escrever um texto que se aproxime o mais possível de uma linguagem oral, é uma escolha consciente que eu faço. Ninguém chora diante de um dicionário. Ele tem lá palavras belíssimas, mas ele não comove, porque você pensa num dicionário como uma situação estática. Quero essa palavra dinâmica, e para mim ela é a que está mais próxima ao povo do que a que está mais próxima à academia, a um texto teórico, à gramática (ANGIOLILLO, 2017).

Diante disso, conclui-se que a escrevivência de Conceição Evaristo, do ponto de vista pessoal, é segmentada a partir de quatro elementos fundamentais: a) escolha temática que

---

<sup>14</sup>Tronco linguístico emergido estritamente no curso da escravidão e que originalizou diversas línguas africanas.



parte do princípio das experiências de mulheres negras com objetivo de romper com o imaginário escravagista que reduz suas competências, mesmo após anos da dita abolição; *b*) a criação de personagens que dialoguem intimamente com a identidade da autora e que subsidiem discussões sobre visibilização de grupos sociais marginalizados; *c*) a primazia pela linguagem oral, isto é, o uso das marcas de oralidade como estética do texto; *e d*) memória de si e dos outros como um dos principais objetos de narração.

## 2 Considerações finais

A partir dos dados apresentados neste trabalho, em relação à compreensão de escrevivência, recorrendo ao que foi dito por Conceição Evaristo, precursora da expressão, pode-se compreender que, de um modo geral, o termo em discussão tem a incumbência de representar uma escrita que nasce da experiência do sujeito, isto é, a partir da vida e/ou das situações cotidianas que se fazem presente na realidade de quem as escrevem, podendo estas ser tanto experiências pessoais quanto plurais.

No entanto, conforme pontuado nos dados expostos acima, outros elementos são incluídos na raiz da expressão como, por exemplo, a condição feminina que marca à presente escrito. É possível afirmar, ainda, que a noção de escrevivência poderá ser compreendida enquanto escrita que é profundamente pontuada pelas projeções de experiências de mulheres negras que vivem à margem da sociedade brasileira.

Embora a autora afirme que a expressão tenha nascido com o objetivo de rasurar o passado e o imaginário escravocrata em torno da mulher negra, no qual a escrita enquanto atividade recreativa e/ou profissional não era possível, não faz parte do interesse de Conceição Evaristo restringir esta modalidade e/ou nomeação de escrita a tão somente mulheres negras pertencentes a classes populares, pois nas entrevistas, neste trabalho analisadas, consta que esta denominação é igualmente permitida a outras classes de mulheres independentemente de juízos de raça. Alargando ainda mais possibilidades de usos do termo,



a escrevente afirma que a noção de escrevivência também poderá contemplar as escritas de vida de homens, dos africanos e seus respectivos descendentes, sendo nos dois últimos casos esta escrita configurada como busca e conservação da memória que lhes foram tiradas forçadamente.

Tendo ciência de que a modalidade literária recém surgida e intitulada escrevivência diz respeito a uma escrita da vida e experiências de um grupo ou de uma determinada pessoa e constituída a partir do ponto de vista de quem a escreve, foi-se possível compreender também que a escrevivência da referida autora, de maneira particular, é construída sob a ótica e compreensão de mulheres negras sobre as experiências ficcionalizadas e/ou narradas. Esta condição implica na fomentação de personagens e mediação da discussão que a obra propõe. Nessa esteira, ressalta-se que a compreensão de escrevivência extrapola a unilateralidade de sentidos esperados, sendo, portanto, tomada como uma noção de vastos significados e interpretações, o que significa dizer que a respectiva expressão está em constante construção, alargando-se para outras áreas e, conseqüentemente, promovendo novas discussões.

### 3 Referências

ANGIOLILLO, Francesca. *Nossa identificação não pode ficar fora da literatura, diz Conceição Evaristo*. 2017. Disponível em: <<https://www.aquinoicias.com/2017/07/nossa-identificacao-nao-pode-ficar-fora-da-literatura-diz-conceicao-evaristo/>>. Acesso em: 07 set. 2019.

CANAL VRÁ. *A mulher negra na literatura*. 2017. (9m21s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=v\\_tXmBZ-4v4&feature=youtu.be](https://www.youtube.com/watch?v=v_tXmBZ-4v4&feature=youtu.be)>. Acesso em: 15 set. 2019.

EL PAIS. *Entrevista com Conceição Evaristo | Cultura*. 2017. (16m53s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wnB4YsSj1nA>>. Acesso em: 15 set. 2019.

EVARISTO, Conceição. Destaque Conceição Evaristo. **Revista Conexão Literatura**, p. 5-10, nº 24, junho – 2017.

\_\_\_\_\_. *Becos da Memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2017.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

FESTIVAL DE MULHERES DO MUNDO. *A EscreVivências no centro do debate: Conceição Evaristo em partilha com Carla Fernandes*. 2019. (54m20s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=jzy0kunZ\\_rA&t=1526s](https://www.youtube.com/watch?v=jzy0kunZ_rA&t=1526s)>. Acesso em: 07 set. 2019.

HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo – políticas arrebatadoras*. Trad. Bhui Libânio. 7ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2019.

IMBUZEIRO, Mônica. *Mulheres que escrevem entrevista: Conceição Evaristo*. 2017. Disponível em: <<https://medium.com/mulheres-que-escrevem/mulheres-que-escrevem-entrevista-conceicao-evaristo-fa243ff84284>>. Acesso em: 16 nov. 2019.

INSTITUTO DE ART TEAR. *Escrevivência – Episódio 1 da série Ecos da Palavra*. 2017. (03m57s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4EwKXpTIBhE>>. Acesso em: 06 set. 2019.

LEJEUNE, Philippe. *Biographie, témoignage, autobiographie: le cas de Victor Hugo Raconté. Je est um autre: l'autobiographie de la littérature aux médias*. Paris: Seuil. 1980. 60-102.

LIMA, Juliana. *Conceição Evaristo: 'minha escrita é contaminada pela condição de mulher negra'*. 2017. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/entrevista/2017/05/26/Concei%C3%A7%C3%A3o-Evaristo-%E2%80%98minha-escrita-%C3%A9-contaminada-pela-condi%C3%A7%C3%A3o-de-mulher-negra%E2%80%99>>. Acesso em: 12 set. 2019.

RIBEIRO, Pedro; PITASSE, Mariana. “*Ser escritora não rompe com o imaginário em relação às mulheres negras*”. 2020. Disponível em: <<https://www.brasildefatorj.com.br/2018/07/25/ser-escritora-nao-rompe-com-o-imaginario-e-m-relacao-as-mulheres-negras>>. Acesso em: 20 agosto 2020.

SIMÃO, Marina Fazzio; SAMPAIO, Juliano Casimiro de Camargo. *Corpo e Descolonialidade em Composição Poética Cênica*. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, v. 8, n. 4, p. 665-690, 2018.

SOARES, Esdras.; RUIZ, Tereza. *Nasci rodeada de palavra*. 2017. Disponível em: <<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossaspublicacoes/revista/entrevistas/artigo/2402/nasci-rodeada-de-palavras>>. Acesso em: 22 jan. 2020.



# Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG - LET UFRGS ISSN 1981-4526

<http://seer.ufrgs.br/NauLiterária>

Vol. 17, n. 2, 2021

TV PUC - RIO. *A “escrevivência” na literatura feminina de Conceição Evaristo*. 2017. (14m58s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=z8C5ONvDoU8&t=350s>>. Acesso em: 06 set. 2019.

TVBRASIL. *O Trilha de Letras recebe a escritora Conceição Evaristo | Programa Completo*. 2018. (27m22s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9lpOGN36WxA&t=36s>>. Acesso em: 09 set. 2019.

UEMG UNIDADE DAVINÓPOLIS. *Encontro com a autora Conceição Evaristo – 4/11/15*. 2015. (2h07m53s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n0YupSAbJ-k&feature=youtu.be>>. Acesso em: 23 set. 2019.